

COMUNICADO DE IMPRENSA

Homens são menos propensos a buscar tratamento para HIV e têm mais chances de morrer por causas relacionadas à AIDS, diz UNAIDS

Ottawa / Genebra, 1º de dezembro de 2017—No Dia Mundial contra a AIDS, o UNAIDS divulgou um novo relatório que mostra que os homens têm menos probabilidade de fazer o teste para o HIV, são menos propensos a buscar o tratamento antirretroviral e têm mais chances de morrer por complicações relacionadas à AIDS do que as mulheres.

O Relatório *Ponto Cego* (Blind spot, em inglês) mostra que, globalmente, menos de metade dos homens que vivem com HIV está em tratamento, em comparação com 60% das mulheres. Os estudos mostram que os homens são mais propensos do que as mulheres a iniciarem o tratamento tardiamente, a interromperem o tratamento e a se desvincularem dos serviços de tratamento.

"Enfrentar as desigualdades que colocam as mulheres e meninas em risco de infecção pelo vírus está em primeiro plano na resposta à AIDS", disse Michel Sidibé, Diretor Executivo do UNAIDS. "Mas há um ponto cego em relação aos homens—os homens não estão usando os serviços de prevenção e testagem para o HIV e não estão buscando acesso ao tratamento na mesma escala que as mulheres."

Na África subsaariana, homens e meninas que vivem com HIV são 20% menos propensos do que mulheres e meninas vivendo com HIV a conhecerem seu estado sorológico positivo para o vírus e têm 27% menos chances de buscar acesso ao tratamento. Em 2015, em KwaZulu-Natal, a província com maior prevalência de HIV na África do Sul, apenas um em cada quatro homens vivendo com HIV, com idade entre 20 e 24 anos, conhecia seu diagnóstico.

Na África Ocidental e Central, uma região que está lutando para responder eficazmente ao HIV, apenas 25% dos homens que vivem com HIV estão tendo acesso ao tratamento. Quando as pessoas não estão em tratamento, elas são mais propensas a transmitir o HIV.

"Quando os homens têm acesso a serviços de prevenção e tratamento do HIV, cria-se um bônus triplo", disse Sidibé. "Eles se protegem, protegem seus parceiros sexuais e protegem suas famílias."

O relatório destaca dados da África subsaariana que mostram que o uso de preservativos com um parceiro não-regular é baixo entre os homens mais velhos, que também são mais propensos a viver com HIV—50% dos homens com idade entre 40-44 anos e 90% de homens com idade entre 55-59 anos relataram não usar preservativo. Esses dados são compatíveis com estudos que mostram um ciclo de transmissão do HIV de homens mais velhos para mulheres mais jovens, e de mulheres adultas para homens adultos de idade similar em locais com alta prevalência do HIV.

O relatório *Ponto Cego* também mostra que a prevalência do HIV é consistentemente maior entre os homens que fazem parte das populações-chave. Fora da África Oriental e Austral, 60% de todas as novas infecções por HIV entre adultos acontecem entre os homens. O relatório destaca as dificuldades particulares que os homens em populações-chave enfrentam no acesso aos serviços de HIV, incluindo discriminação, assédio e recusa de serviços de saúde.

Os homens que fazem sexo com homens são 24 vezes mais propensos à infecção por HIV do que os homens na população em geral e, em mais de 24 de países, a prevalência do HIV entre homens que fazem sexo com homens é de 15% ou mais.

No entanto, estudos recentes sugerem que o uso de preservativos está caindo na Austrália, na Europa e nos Estados Unidos. Nos Estados Unidos, por exemplo, entre homossexuais e outros homens que fazem sexo com homens, que são HIV negativos, o percentual dos que têm relações sexuais sem preservativo aumentou de 35% para 41% entre 2011 e 2014.

"Não podemos deixar a complacência se estabelecer", disse Sidibé. "Se isto acontecer, o HIV ganhará força e nossas esperanças de acabar com a AIDS até 2030 serão destruídas."

O relatório *Ponto Cego* mostra que cerca de 80% das 11,8 milhões de pessoas que usam drogas injetáveis são homens e que a prevalência do HIV entre as pessoas que usam drogas injetáveis passa de 25% em vários países. O uso do preservativo é quase universalmente baixo entre os homens dessa população-chave e o percentual deles que usaram equipamento esterilizado durante sua última injeção varia de país para país. Na Ucrânia, por exemplo, a porcentagem de homens que utilizaram agulha esterilizada no último uso de droga injetável foi bem acima de 90%, enquanto nos Estados Unidos esse número foi de apenas 35%.

Nas prisões, onde 90% dos detentos são homens, a prevalência do HIV é estimada entre 3% e 8%, mas os preservativos e os serviços de redução de danos raramente estão disponíveis.

Embora a testagem para o HIV esteja alcançando as mulheres, particularmente as mulheres que utilizam serviços pré-natais, os mesmos pontos de entrada não foram encontrados para os homens, limitando a aceitação do teste do HIV entre eles.

"O conceito de masculinidade nociva e os estereótipos masculinos criam condições que fazem com que relações sexuais mais seguras, testagem para o HIV, acesso e adesão ao tratamento—ou mesmo conversas sobre sexualidade—sejam desafiadoras para os homens", disse Sidibé. "Mas os homens precisam assumir essa responsabilidade. Essa bravata está custando vidas."

O relatório mostra a necessidade de investir em meninos e meninas mais jovens, garantindo que eles tenham acesso a educação sexual abrangente, adequada à idade, que aborde a igualdade de gênero e que seja baseada em direitos humanos, criando relacionamentos saudáveis e promovendo comportamentos voltados para a saúde tanto de meninas quanto de meninos.

O relatório mostra que os homens vão aos estabelecimentos de saúde com menos frequência do que as mulheres, fazem menos exames e são diagnosticados mais tardiamente que as mulheres em condições que já representam risco de vida. Em Uganda, alguns homens relataram que preferem não conhecer seu estado sorológico para o HIV e não receber o tratamento capaz de salvar vidas porque associaram ser HIV-positivo com o estigma da falta de masculinidade. Um estudo na África do Sul mostrou que 70% dos homens que morreram por complicações relacionadas à AIDS nunca procuraram cuidados para o HIV.

O relatório incita os programas de HIV a estimularem os homens para que tenham acesso aos serviços de saúde e os tornem disponíveis com mais facilidade para eles. Isso inclui a disponibilização de serviços de saúde personalizados, incluindo o prolongamento dos horários de atendimento, o uso de farmácias para oferecer serviços de saúde aos homens, alcançá-los em

seus locais de trabalho e lazer, incluindo bares e clubes esportivos, e usando novas tecnologias de comunicação, como aplicativos de celular.

O relatório também estimula um ambiente jurídico e político de apoio capaz de enfrentar as barreiras comuns ao acesso a serviços de HIV, especialmente para populações-chave, e de acomodar as diversas necessidades e realidades de homens e meninos.

O relatório *Ponto cego* mostra que, ao permitir que os homens permaneçam livres do HIV, façam o teste regularmente e, caso sejam diagnosticados soropositivos, comecem e permaneçam em tratamento, os benefícios não irão apenas melhorar os resultados da saúde masculina, mas também contribuirão para diminuir as novas infecções por HIV entre as mulheres e meninas e alterar normas prejudiciais de gênero.

Em 2016 (* junho de 2017), estima-se:

- * 20,9 milhões [18,4 milhões – 21,7 milhões] de pessoas com acesso à terapia antirretroviral;
- 36,7 milhões [30,8 milhões – 42,9 milhões] de pessoas em todo o mundo vivendo com HIV;
- 1,8 milhão [1,6 milhão – 2,1 milhões] de novas infecções com HIV
- 1 milhão [830 000 – 1,2 milhão] de mortes por doenças relacionadas à AIDS.

Para mais informações, acesse: www.unaids.org.br

CONTATO

UNAIDS no Brasil: Daniel de Castro | tel. +55 61 3038 9221 | decastrod@unaids.org

UNAIDS

O Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS) lidera e inspira o mundo para alcançar sua visão compartilhada de zero nova infecção por HIV, zero discriminação e zero morte relacionada à AIDS. O UNAIDS une os esforços de 11 organizações—ACNUR, UNICEF, PMA, PNUD, UNFPA, UNODC, ONU Mulheres, OIT, UNESCO, OMS e Banco Mundial—e trabalha em estreita colaboração com parceiros nacionais e globais para acabar com a epidemia da AIDS até 2030 como parte dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Saiba mais em unaids.org.br e se conecte com a gente no [Facebook](#), [Twitter](#) e [Instagram](#).